

TELE PORTO ANCONA LOPES
Professora de Literatura
Brasileira da Faculdade de
Letras da U.S.P.

Devo primeiramente dizer que estas considerações a respeito da Literatura e Pesquisa pretendem apenas o relato de minha experiência pessoal na Universidade de São Paulo, como pesquisadora do Instituto de Estudos Brasileiros, e como professora de Literatura Brasileira. Em meu trabalho, tenho vivido as gratificações e as dificuldades da tentativa que venho fazendo, tentativa de definição de possibilidades e caminhos, ligando a Pesquisa ao ensino da Literatura Brasileira

Pensando, de início, no entendimento da pesquisa quanto à sua natureza, tem-se que acusar duas ilusões, as quais, como ilusões que são, distanciam o pesquisador ou o estudioso da Literatura de uma compreensão mais real do alcance do trabalho de investigação. A primeira envolve, no mais das vezes, o próprio pesquisador: é a super valorização da pesquisa. Julga-se então que o trabalho, que a documentação ou os dados recolhidos, podem recuperar e fazer reviver o tempo passado, o qual, nesse caso, torna-se "o tempo perdido". Ou que, o material vinculado ao presente, possui em sua voz a definição completa e total de nosso tempo... Assim acontece quando se vêem os documentos de ontem e do hoje fora da análise da situação contextual em que se inserem, sem reconhecer a existência da marca do enfoque de quem os está estudando. E quando se faz de con-

ta que se traz, num passe de mágica, uma situação "exatamente" como se configurou, ou um passado, tal e qual "ele foi". A propalada secura ou isenção, a "objetividade perfeita para com o documento", são a abstenção do pesquisador que fecha os olhos para sua condição de observador e organizador original do material que levanta e que utiliza em suas análises e interpretações. A não interferência não existe; o que há, na realidade, é a presença maior ou menor do distanciamento crítico... ou sua ausência. E uma do se maior ou menor de liberdade e criatividade, pois, quem investiga deve se pergunta se quer trabalhar criticamente ou simplesmente transcrever documentação. Mas, de qualquer forma, ainda que apenas transcrevendo ou informando, es tã, necessariamente, lidando com dois momentos. Mesmo que não queira ter consciência disso...

Dessa primeira ilusão, percebe que decorre um sério desvio crítico, que é o embarcar na ideologia do material que se reúne. Valorizar uma pesquisa e seu objeto, não é alçar um autor, um movimento ou uma estética à categoria de mito, tomando-o como tabu perfeito e indiscutível. Pode-se, nesse caso, por exemplo, chegar ao aplauso do discurso autoritário ou de propostas alienadas, dando as como válidas, unicamente porque estão bem fundamentadas... em seu próprio material. Posso exemplificar com uma confusão que vem sendo mito freqüente no enfoque de nosso Modernismo: a qualificação de "moderno" para "modernistas" como Plínio Salgado ou Menotti del Picchia, apenas porque seus textos, ou os textos de época, os colocam como expressões de "modernidade".¹

¹ Entendo Modernidade com H.Lefebvre: reflexão crítica presente na expressão de um tempo; renovação que considera a obra e a sociedade.

A idealização da pesquisa pode levar ao congelamento do material, impedindo sua ligação com o momento em que vivemos, porque os dados coletados se tornam falsamente perfeitos e completos. Adorno ensina que o ensaio não deve ter por finalidade reviver as intenções do autor, pois isso é impossível e ilusório. E o mesmo se pode dizer para a pesquisa, para a História e para a vida.

Quando o pesquisador pode se encontrar com a realidade, passa então a considerar que as técnicas são apenas aspectos auxiliares, instrumentação que auxilia a aplicação do método. Esse, entendido como um conceito global, visará, em última análise, estudar a Literatura como um ramo do saber da humanidade, encarando-a de maneira mais dinâmica e dialética, sem pré-juízos ou pré-conceitos.

A segunda ilusão já não possui sua incidência maior na "cuca" dos pesquisadores, mas na dos estudiosos e críticos da Literatura que não acatam a pesquisa como parte de seu trabalho. Externam algumas vezes esta alentadora racionalização: a pesquisa serve apenas para encobrir a incapacidade de interpretar! Tem-se, portanto, a subvalorização da pesquisa, quando se postula que a crítica deve se ater exclusivamente à esfera do texto literário e à dos textos teóricos que poderão ser usados como instrumentação. Julga-se então que Pesquisa é pura e simplesmente a reunião de documentos, pretendendo que a tarefa de buscar a visão do contexto de uma época, ou do enfoque de determinado autor em seu momento, é preocupação que não diz respeito ao trabalho da crítica. E o pesquisador passa a ser visto como o excêntrico "catador de papéis"...

Porém, a esta altura, talvez o leitor comente: muito bem; é fácil contar o que "não é", mas, como definir "o que é" a Pesquisa? Creio que a Pesquisa é pura e simplesmente um dos aspectos do estudo da Literatura, podendo ser vinculada à Historiografia ou à Crítica e nem sempre significando, como se ouve dizer, a reunião de docu

mentos inéditos ou perdidos. A documentação auxilia a pesquisa e tem que ser procurada quando houver necessidade. Não se pode esquecer aqui a situação particular do Brasil, quando testemunhamos o desprezo e o descaso para com toda uma documentação importante para compormos nossa verdadeira História. Somos ainda os desterrados em nossa própria terra, no dizer de Sérgio Buarque de Holanda, desterrados, mas, muito bem, obrigados, pois preferimos ignorar a preservação dos documentos dentro da organização da memória nacional. Debruçamo-nos com zelo na aplicação (não estou negando o conhecimento teórico) das mais atuais teorias estrangeiras e desconsideramos enquanto escolha o trabalho que visa desencavar dados nossos. Preferimos, por exemplo, exercitar muito comportadamente as funções que Propp encontrou no conto popular russo, colocando-as, vejam só! sobre o Dom Casmurro de Machado de Assis (já aconteceu!)... E ficamos olhando com desdém para uma proposta de trabalho que incluía em suas etapas o desenterrar, por exemplo, das crônicas de Bandeira nos jornais do Rio de Janeiro. Documentação é fonte, é auxílio, não deve ser confundida com Pesquisa. Esta precisa ter como objetivo final a apresentação de um trabalho crítico em área de Literatura. A Pesquisa pode e deve divulgar documentos, mas sabendo que, dessa forma, está oferecendo subsídios para o estudo da Literatura.

Como, então, considerar a Pesquisa dentro do ensino da Literatura? Em primeiro lugar, tem-se que aceitar a necessidade de um método que valha sobretudo como postura ou posição, sendo, suficientemente flexível para não transformar seus pressupostos em um padrão-gaiola. A busca rígida de padrões pode levar o professor ou o pesquisador a confundir pesquisa em Literatura com Pesquisa em Biblioteconomia ou Arquivologia; misturarão planos, tomarão técnica por método.

Posso apontar algumas características do que penso ser um caminho praticável em termos de metodolo-

gia de pesquisa. São, como disse, os rumos que encontrei em meu trabalho de pesquisadora e professora de Literatura Brasileira, e estão ligados à minha experiência no curso de pós-graduação. Nos trabalhos que venho orientando, a palavra Pesquisa tem um sentido mais abrangente, valendo como sinônimo de projeto. Mas, vamos às características.

1 - A definição do trabalho crítico. Tenho tomado como base considerar o texto dentro de uma noção de estrutura, acompanhando o pensamento de Antonio Candido. Isso vale dizer: pretende-se conhecer de que maneira um texto ou um conjunto de textos se organizam internamente, percebendo ali, quais os aspectos da sociedade e de seu tempo que um autor pôde filtrar. Ali, o crítico deverá procurar a ideologia do escritor e de sua época, completando os dados de sua observação com os dados que, então, terá que recolher fora do texto: na História Literária, na Cultura Popular, na História ou na Estética, conforme o caso exigir. Poderá já saber previamente uma série de coisas a respeito de um poeta ou de um narrador. Mas, apenas sua descida ao texto é que lhe dará a sua própria verdade. Como se vê, a crítica estrutural ou ideológica de Antonio Candido vale como uma posição. Outros teóricos poderão entrar também, mas sua presença deverá decorrer de solicitação do trabalho que escolhemos (Adorno: "El ensayo como forma").

2 - A identificação do corpus, definição do projeto e sua execução. A observação prévia traça etapas para a pesquisa. Dentro da experiência que narro aqui, distingo dois tipos de projetos:

a) aquele que já parte de um corpus completo e definitivo, proporcionando assim, imediatamente, o trabalho dentro do texto. Nesse caso, o trabalho tem sido desta forma: inicialmente, o aluno faz a leitura dos principais textos ligados à fortuna crítica do autor, considerando o aspecto que pretende analisar, e procura ver se existem declarações do escritor a respeito de seu trabalho. Fichará sistematicamente todo esse material. Depois disso, poderá passar para o texto, saindo apenas quando ele provocar essa

saída, para ver explicados literária e culturalmente determinados elementos seus. Centrado na noção de estrutura, o pesquisador, feita uma primeira leitura geral de reconhecimento, iniciará o fichamento, preocupando-se sempre com a natureza de seu objeto para procurar o conhecimento de seus componentes literários. Aqui, focaliza-se necessariamente o gênero e aplica-se a instrumentação teórica de base que a leitura e o latro do observador acharem conveniente. O fichamento, feito de maneira padronizada (o padrão liga-se a cada tipo de pesquisa), constituirá o apoio da redação ensaística e poderá servir mais tarde para outros trabalhos, ou como modelo de um *modus faciendi*. Trabalhando com o conto, por exemplo, este fichamento reunirá os dados relativos ao tema, à fábula, aos motivos, ao foco narrativo, ao tempo e ao espaço. Esse estudo detalhado do texto mostrará a necessidade, quando for o caso, de buscar apoio em mais textos de Teoria Literária. Uma experiência tão direta pode fazer com que o aluno pense, praticamente a cada instante, sobre a pertinência ou não de seu instrumental teórico. Para exemplificar este primeiro tipo de projeto, cito duas pesquisas para a Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira: o Estudo do conto de Mário de Andrade, de Maria Célia Rua de Almeida Paulilo e Valdomiro Silveira, uma perspectiva de nacionalismo, de Carmen Lydia de Souza Dias.²

b) o segundo tipo de projeto é aquele que implica na reunião do corpus, quando o pesquisador precisa procurar e reunir o material que será objeto de seu trabalho. Possui duas etapas: descobrir e organizar; analisar e interpretar. Partindo de pistas conhecidas e acusadas, o estudioso deverá buscar seus textos-base em material ainda não divul

² Ambas receberam bolsa da FAPESP.

gado em livros, ou em publicações já muito fora de circulação. Conforme o projeto, poderá procurá-lo em periódicos (antigos ou recentes), em edições esgotadas ou de pequena tiragem, em inéditos como cartas, anotações de próprio punho, originais autógrafos, na documentação vária e na iconografia. Nesse tipo de projeto, é necessário que o pesquisador se compenetre de sua responsabilidade social, para entender que, além da pesquisa própria e particular de cada um, está a possibilidade de preservação dos documentos e do material que utilizará em sua dissertação, em sua tese, ou em seu ensaio. Os recursos da técnica atual podem ser aí aplicados devidamente, fazendo, por exemplo, com que documentos em estado precário por sua antigüidade, sujeitos a extinguir-se no manuseio constante, sejam microfilmados ou xerocopiados. Quanto a esse ponto, é fundamental que a parcela relativa à documentação esteja ligada a uma instituição que se empenhe em pesquisa, como, em nosso caso, o Instituto de Estudos Brasileiros. A instituição poderá oferecer os recursos técnicos e cuidar da documentação que for posta sob sua guarda, conservando-a e possibilitando o acesso de outros pesquisadores, quando o material for dado como liberado pelo pesquisador que o levantou.

Em um projeto deste segundo tipo, o aluno deverá organizar o material que recolher, preparando-o para sua própria utilização e para outros possíveis interesses. Assim, como primeira medida, tem-se a microfilmagem do corpus (quando necessário), seguida pelos fichamentos bibliográfico e descritivo, que podem ser acrescidos pelo fichamento crítico. No trabalho de fichar, deve-se acolher as normas bibliográficas existentes, mas, vendo-as em contacto com o material que se possui. Então, é preciso que se faça a análise do material para retirar um modus operandi, capaz de identificar bibliograficamente, sem se esquecer de acusar as particularidades existentes. Assim, por exemplo, tem-se que chegar a uma forma capaz de designar a

proveniência da indicação em um recorte: se está impressa no próprio pedaço do jornal (certa e segura, então), ou se foi manuscrita pelo pessoal que o guardou. Todos os pormenores devem ser apresentados. Esse trabalho, cansativo sem dúvida, não deve ser desprezado pelo pesquisador, uma vez que lhe traz o encontro completo com o seu material. Qual a vantagem? Já se sabe que as fichas ficarão no IEB e poderão atender a consultas. E mais se pode acrescentar: além de seu ensaio, o pesquisador poderá ter uma comunicação in dependente, ligada a Documentação, a qual, publicada, será informação útil a muita gente, fora da USP e fora de São Paulo. Isso é realmente muito importante em termos de Bra sil.

Esse segundo tipo de projeto, posso exemplificar com as pesquisas que organizaram ainda não completamente sistematizadas do Acervo de Mário de Andrade, ou que, buscando material fora, trouxeram nova documentação para o Setor de Arquivos do IEB. A pesquisa de Carmen Lydia de Souza Dias sobre o conto de Valdomiro Silveira com pletou-se com o estudo da crônica desse autor regionalista. As crônicas, publicadas em jornais antigos, guardados pela família do escritor, estão agora, microfilmadas e fichadas, entre os arquivos do IEB. Para a pesquisa de Rita de Cássia Barbosa, que pretende estudar a crônica de Car los Drummond de Andrade em tese de Doutorado, o autor de Sentimento do Mundo emprestou ao IEB o "dossier" com pto de sua produção jornalística. Foi xerografado, microfil mado e está sendo fichado (em todos os seus aspectos, não apenas quanto à crônica). Raúl Antelo e Neusa Q. Simões trabalharam com a Marginália de Mário de Andrade, escolhendo respectivamente dois aspectos: as anotações nas margens das obras dos hispano-americanos e as notas escritas ao longo dos livros dos ficcionistas brasileiros contemporâneos. Roselis Oliveira de Napoli, em sua pesquisa para o Doutorado, organizou a coleção de Recortes Lux referentes às comemorações da Semana de Arte Moderna em 1972. Ela pretende estudar a captação das propostas estéticas do Mo

dermismo e os recortes lhe deram base para a análise do noticiário e da crítica. O fichamento do material (bibliográfico e descritivo) acompanhará sua tese como um volume anexo que será publicado separadamente.

Quanto à sua segunda etapa, este gênero e projeto propõe analisar e interpretar, trabalhando da mesma forma que no projeto do tipo anterior: fichamento, análise, etc., até chegar à redação do ensaio.

Está claro que caminhos como estes, que abrangem tantas etapas, são demorados e exigem muita dedicação por parte do aluno, que, pouco a pouco, vai se transformando num pesquisador experiente. Por essa razão, penso que as pessoas que se empenham em projetos, ligados a sua formação no curso de pós-graduação, devem contar com apoio financeiro que lhes permita o tempo integral. E nos tem sido de grande valia as bolsas de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, da FAPESP. Porém, infelizmente não podem atender a todos os projetos, pois os alunos ligados ao magistério secundário oficial têm grande dificuldade em conseguir um afastamento demorado.

Pois é, está aí minha experiência. Hoje e agora é assim. Quando as primeiras teses do grupo de orientandos se transformarem em livros e saírem por aí, ou quando seu material de pesquisa começar a ser franqueado aos estudiosos, poderei conhecer mais concretamente os resultados.

1978 - Reunião Anual da SBPC